

SURYOYE

ܣܘܪܝܘܝܐ

SÃO PAULO - OUTUBRO/2013

NESTA EDIÇÃO:

ORAÇÃO INICIAL	1
REDE SOCIAL	2
HISTÓRIA DA IGREJA DO ORIENTE	3
CICLO NATALINO	3
RITUALÍSTICA	4
CULTURA ORIENTAL	5
JEJUM DE NATAL	6
COMEMORAÇÃO ESPECIAL	7
ORAÇÃO ESPECIAL EM ARAMAICO	8

ORAÇÃO INICIAL

1) Ef-lo imolado sobre o altar
(ho deviHu ál madhevHo)

Ef-lo imolado sobre o altar
O cordeiro da Divindade
Por nós seu sangue inocente e
Perdoador foi vertido
E dará vida a quem tomá-lo.

2) Eis o pão celeste
(ho lahmo xemaiono)

Eis o pão celeste
Posto sobre o altar da vida
Quem dele comer ganhará
A vida espiritual
E jamais fome sentirá.

3) Ó vós que estais famintos
(kafne táu akhul)

Ó vós que estais famintos
Vinde, comei e vede
quão bom é o Senhor Deus !
Ó vós que estais sedentos
Aproximai-vos e embebedei-vos
No cálice salvador e perdoador
E glorificai Ao Que Ama o Ser Humano.



*entrada da capela do Mosteiro de Mor Malke em Medyat/
Turquia – século IV.*

ܡܘܠܟܐ ܘܗܘܐ ܡܘܠܟܐ - ܡܘܠܟܐ ܡܘܠܟܐ - ܡܘܠܟܐ ܡܘܠܟܐ

4) Limpai-vos e vos purificai
(ethdákau uamruq elkhun)
Limpai-vos e vos purificai,
Vestimentas de benevolência
e justiça vestí,
Pois não são dignos
Deste altar sagrado
Senão os puros e santos.

(Litânia dos domingos comuns)

INFORMATIVO SURYOYE

Suryoye é um órgão de divulgação interna da Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria.

Layout—Camila Sowmy
Artigos—Peter Sowmy

IGREJA SIRIACA ORTODOXA

Na Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria as missas são rezadas em aramaico e português, aos Domingos às 11h00 na Rua Padre Mussa Tuma, 3, bairro Vila Clementino, São Paulo / SP.

Padre Gabriel está à disposição para atender os fiéis, telefone (11) 5581-6250.

ESTAMOS NA WEB

WWW.IGREJASIRIANSANTAMARIA.ORG.BR

REDE SOCIAL

Hoje, sem dúvida, a participação do indivíduo nas chamadas “redes sociais” tornou-se universal no mundo ocidental e em parte do mundo oriental. Podemos afirmar, sem medo de erro que mais de 2 bilhões de adeptos estão inscritos nas redes sociais e pelo menos 80% deles olham suas assinaturas uma vez por dia. Considerando que há no mundo uma população próxima a 7 bilhões de pessoas, logo concluímos que não há um instrumento de comunicação mais disseminado que a “rede social”.

Algumas empresas comerciais conseguem especializar-se em comunicação comercial e obtenção de informações para que possam difundir seus produtos e serviços para obtenção de mais lucros; outras há que perscrutam as “redes sociais” para conseguirem novas idéias e as venderem a terceiros e há também as ações dos governos que quebram a privacidade dos indivíduos com o intuito de protegerem os sistemas de governos estabelecidos pela Terra. Nesse universo todo, ainda há grupos, e quero aqui dar destaque a eles, que se especializaram em divulgar e praticar a benevolência, tal como é requerida pelos adeptos do cristianismo. São organizações governamentais e não governamentais que trabalham na arrecadação de doações que depois são entregues às mais diversas comunidades carentes do mundo inteiro. Não sabemos ao certo quantas dessas organizações existem contudo sabemos que as pessoas que as coordenam e novamente podemos afirmar sem medo de erro, que a totalidade dessas pessoas que as coordenam já tiveram experiências no mundo físico e não fictício (ou virtual) de assistirem a outras e perceberem as dificuldades de tal trabalho, desde a identificação de quem necessita até a identificação de quem pode doar aquilo que a comunidade necessita.

Muitas vezes, o público que ouve ou vê uma reportagem sobre um determinado caso de assistência social pelos meios não reais (conhecidos como “mídia virtual”) pensa que a idéia da assistência foi intuitiva (ou um “insight”). Engano deles, em 99% dos casos é uma decisão fundamentada sobre a experiência no mundo real de quem a idealizou. Por isso é muito importante que, além da contribuição material de cada um de nós para tais sociedades de auxílio, também cada um de nós participe na vida real de uma comunidade assistencialista com seu trabalho para entender as diversas partes que compõe esse trabalho.

Em 2011, um professor, nascido em Tur Abdin (no sudeste da Turquia), de nome Soner Onder, apresentou um trabalho muito interessante sobre as nossas comunidades na Suécia com relação a esse tema. O trabalho chamava-se “**Applying Social Capital Theory to the Assyrian Case in Sweden**” e foi publicado na revista *Parole de l`Orient* nr 36. Nesse trabalho, professor Onder informava que aproximadamente 30% dos assírios (hoje conhecidos na Europa como Siríacos/Assírios), residentes na Suécia, estão associados a movimentos políticos locais; também algo como 30% deles estão associados a movimentos sociais suecos e admiravelmente, 84% deles estão engajados em movimentos sociais de assistência tanto locais quanto internacionais de nossas comunidades. Observemos que é admirável pois as grandes correntes migratórias de nossas comunidades para a Suécia ocorreram nas décadas de 1970 e 1980 (tomo por base a obra monumental da professora Naures Atto: “**Hostages in the Homeland, Orphans in the Diaspora**”- 2011), ou seja, num intervalo de 40 anos, nossas comunidades na Suécia, passaram de assistidas para assistencialistas. Eis um exemplo a seguirmos.

Nossa Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria, aqui em São Paulo, na sua estrutura direcional, possui uma diretoria social composta por jovens e senhoras que trabalham com o intuito de arrecadar donativos aos mais necessitados localmente. A orientação, é de nosso padre, o Revmo. Raban Gabriel Dahho que também trabalha com a diretoria e ainda auxilia através de seu empenho pessoal aos imigrantes do oriente que se refugiam todos os dias aqui no Brasil, vindos numa situação de guerra que perdura mais de duas décadas, sem olhar se está auxiliando um cristão ou um adepto de outra religião. O importante é auxiliar.

Retomando o tema inicial, vemos que temos em nossa comunidade no Brasil, o “Capital Humano” (como diria professor Onder), agora precisamos que as pessoas, jovens, adolescentes e adultas se engajem em trabalhos: que possam arrecadar donativos, que possam trabalhar para enviá-los aos necessitados e ainda que façam planos para o uso do mundo virtual, transformando as “redes sociais” em “redes de assistência social”. É preciso darmos continuidade aos trabalhos das diretorias sociais e Liga das Senhoras da Igreja que trouxeram esses trabalhos de forma tão louvável até nossos dias. Para isso, conclamamos a todos e principalmente aos jovens que dispuserem de idéias e vontade que se apresentem ao trabalho pois o trabalho existe, tanto aos necessitados do Brasil como aos adeptos de nossas igrejas no mundo oriental lembrando as palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo: “**a seara é muita e os trabalhadores são poucos**”.

[Obs.: Professor Soner Onder e Professora Naures Atto doaram um exemplar de seus livros para a futura biblioteca da nossa comunidade em São Paulo].

HISTÓRIA DA IGREJA DO ORIENTE

(CONTINUAÇÃO DO Nº 61)

Com a morte do **Patriarca Sewerios**, a cátedra de Antioquia ficou vaga até que o bispo **Yaqūb Buredono** (conhecido no Ocidente como Jacob Baradeus) conseguiu convencer os demais bispos fiéis aos dogmas da ortodoxia de Antioquia a elegerem um líder. No início, os bispos quiseram eleger o próprio **Ya`qūb**, porém, ele, reconhecendo que não possuía as características necessárias de um administrador, muito humildemente sugeriu que fosse eleito outro mais adequado ao cargo e o escolhido foi **Sarkis**, bispo de Tallo (no ocidente conhecido como Sergius de Tella).

Patriarca Sarkis ficou pouco tempo na cátedra de Antioquia vindo a falecer somente 2 anos após sua eleição (544 a 546).

Mesmo com as perseguições por parte do governo central em Bizâncio contra os seguidores de Antioquia, **Yaqūb Buredono** novamente conseguiu reunir um concílio em 550, quando foi eleito **Paulos Ukomo** (Paulo, o negro), bispo de Alexandria conhecido depois de eleito como Patriarca **Paulos Traiono** (Paulo II). Como Alexandria era uma cidade de influência de cultura helênica, **Paulos Ukomo** se encantava com a lógica aristotélica e os sofismas gregos e acabou por desviar do caminho pregado pela Igreja de Antioquia e bandeou-se para o lado dos seguidores dos calcedônios abandonando por fim a Igreja de Antioquia em 575.

Novamente então, a Igreja de Antioquia solicitou os préstimos do velho Bispo **Yaqūb Buredono** para tentar reunir um concílio. Ocorre que desde milênios e até o início do século XX, as viagens eram feitas sobre lombo de camelos ou de jumentos e com isso, as cartas convidando os bispos ao concílio e a chegada deles até Antioquia era muito demorada. Para exemplificar tal demora, basta lembrar que de Tur Abdin até Antioquia, uma distância de 400 km em viagem de uma caravana de jumentos demorava aproximadamente 40 a 60 dias devido ao relevo, às estradas mal cuidadas e principalmente ao perigo constante de guerras e salteadores. Com isso, o tempo foi passando e o bispo **Yaqūb Buredono**, faleceu em 578, antes de se conseguir chegar a um acordo e eleger um novo patriarca.

Entre 575 e 581, logo após a morte de **Yaqūb Buredono**, alguns bispos nomearam um certo bispo chamado Theophanios como líder porém, os grandes centros da Igreja de Antioquia, ou seja, a própria Antioquia, Homs, Edessa, Tur Abdin, Alepo, Nínive e outros, não o reconheceram e no entanto, a Igreja de Alexandria, irmã da Igreja de Antioquia possui registros de contatos com esse bispo Theophanios.

Em 581, os bispos das diversas arquidioceses conseguiram chegar a um acordo e elegeram Petros bispo de Raqqa na Síria que ficou conhecido como **Petros Tlithoio** (Pedro III; no ocidente: Petrus Callincus). Era um homem de grande saber. Defendeu a fé da Igreja de Antioquia através de cartas que enviou ao Patriarca copta, o **Papa Damian** de Alexandria (atual Iskandaria, no Egito). Patriarca **Petros Tlithoio** administrou a cátedra de Antioquia entre 581 e 591 quando faleceu.

CICLO NATALINO

03 - novembro: Santificação da Igreja

10 - novembro: Renovação da Igreja

17 - novembro: Anunciação de Zacarias

24 - novembro: Anunciação de Nossa Senhora

01 - dezembro: Visitação de N.Sra. a Sta. Isabel

08 - dezembro: Nascimento de S. João Batista

15 - dezembro: Revelação de São José

Início do Jejum de Natal (10 dias que antecedem o Natal)

22 - dezembro: Domingo do Advento ou anterior ao Natal

25 - dezembro: Natal

RITUALÍSTICA— IX

O TURIBULO

Esse instrumento já foi abordado no número 15 de Suryoye e aqui vamos retomá-lo somente para uma complementação histórica de uso. Um dos instrumentos mais usados na Igreja Siríaca de Antioquia é o turíbulo. Trata-se de um dispositivo que se presta a queimar o incenso sobre carvão em brasas e com isso, além de perfumar o ambiente da igreja, também possui sua simbologia na Igreja.

Desconhecemos a origem do turíbulo. É certo que os babilônios e assírios já o utilizavam desde pelo menos o final do 2º milênio antes de Cristo. Na biblioteca que o imperador Assurbanipal (668 a.C. – 627 a.C.) mandou construir na cidade de Nínive, por volta de 650 a.C., encontram-se diversas tabuletas de argila com escrita cuneiforme nos quais é citado o turíbulo. Assurbanipal foi um dos poucos reis que ainda sabia ler a língua suméria e a assíria e para que não se perdesse a cultura que essas línguas eram repositório, resolveu coletar todas as tabuletas cuneiformes dessas duas línguas e depositá-las na biblioteca de Nínive. Uma das inscrições que cita o turíbulo e todo o ritual de oferenda de sacrifício foi traduzida e publicada em 1901. A ritualística da época ensinava que aquele que oferecia o sacrifício deveria colocar 4 incensórios nos 4 ângulos do altar de sacrifício, para deliciar aos deuses com o perfume do incenso e também para purificar o ambiente.

De lá, essa prática passou para diversos povos que sofreram a influência da cultura mesopotâmica, tal como os fenícios (Líbano e Síria), os hebreus (Israel e Jordânia), os árabes (Arabia Saudita, Emiratos Árabes), os cartagineses (norte da África) e etíopes (Etiópia, Eritreia) e muitos outros por onde esses povos passaram ou colonizaram.

Na nossa ritualística da missa, o diácono que incensa, desce do altar, uma vez durante o canto do “Credo” e incensa o perímetro interno da igreja para purificar o ambiente, como que levantando um escudo espiritual contra os maus espíritos que espreitam e tentam o ser humano. Além dessa uma vez, também por duas vezes ele se volta em todas as direções porém sem descer do altar,

incensando enquanto perfaz um círculo, avançando em todas as direções: uma vez enquanto o sacerdote canta o “*ál eTro debesme*” (“pelo perfume do incenso”) que ocorre após a leitura do Evangelho. Nesse canto sacro, o sacerdote oferece o incenso a Deus pedindo o perdão a todos os fiéis vivos ou que já morreram. A segunda vez ocorre quase ao final da missa, quando o povo entoia “*beqürbone u baSlauo-tho*” quando são lembrados nossos antepassados que nos ensinaram a verdadeira fé e ritualística e então o povo oferece o incenso cantando “*através das oferendas e das orações*, lembremos nossos antepassados que nos ensinaram enquanto viviam, a sermos filhos a Deus no mundo que não terá fim...”.

O sacerdote por sua vez, usa o turíbulo apenas duas vezes; a primeira logo no início da missa quando é cantada a declaração de fé do Patriarca Seweros (*baSluth emo dyiletokh...*=pela oração da mãe que Te deu a luz...). Neste momento ele anda em torno do altar, iniciando na frente do mesmo e incensando enquanto anda e dá a volta por trás do altar e retorna ao ponto inicial. A segunda vez é quando terá início a declaração de fé dos cristãos. O diácono que estava incensando, entrega o turíbulo ao sacerdote e conclama todos a prestarem atenção à Sabedoria Divina (*sufia o theos proscomen* = sabedoria divina preste atenção). Enquanto isso, o sacerdote inicia a incensar na frente do altar e começa a se virar em direção ao povo; quando o diácono termina ele estará de frente ao povo e declara “*emhaimeninan behad aloho*” (cremos num só Deus) e o diácono canta o credo de Nicéia “*abo ahid kul*” (Pai todo poderoso). Em seguida o sacerdote termina a volta, entrega o turíbulo ao diácono que iniciará o ritual de descer entre o povo, conforme descrevemos acima.

Comparando o nosso ritual com o dos nossos antepassados pagãos, veremos que há muitos pontos de semelhança. Primeiro que o ofertante lava as mãos em símbolo de purificação de si, depois coloca um incensário em cada ângulo do altar para que o mesmo fique circundado pelo perfume do incenso. Depois vem a oferta de 12 pães e vinho. Enquanto está sendo feita a oferta, o sacerdote implora aos deuses que aceitem a oferenda do fiel. Por fim é feita a oferenda.

Uma última informação: naquela época, o incenso

era obtido da resina de diversas árvores e plantas, entre elas o cedro do Líbano e cipreste.

Para Saber Mais

- **Suryoye** nr. 15 – Diaconato: Primeira Reunião de Orientação, abril, 1998.

- **A RITUAL TABLET** in *Assyrian and Babylonian Literature - Selected Translations* – with a critical introduction by Robert Francis Harper – New York - 1901. Esse texto está disponível em:

http://www.columbia.edu/cu/lweb/digital/collections/cul/texts/ldpd_6951443_000/pages/ldpd_6951443_000_00000511.html?toggle=image&menu=maximize&top=&left=

(acessado em 25 setembro de 2.013)

CULTURA ORIENTAL—XII

Agora que já estabelecemos que a origem dos pratos típicos do Oriente Médio tiveram sua origem fora do deserto árabe e portanto não podem ser chamados de “pratos árabes” (ou “comida árabe”), vamos estudar um pouco alguns pratos.

Uma das bases dos pratos do Oriente Médio é o trigo. Talvez esse seja o cereal mais utilizado na cozinha oriental. Após colhido, é moído em granulação média, fina ou grossa. Começando pela fina, temos a farinha do trigo. Cremos que a granulação mais grossa foi a primeira utilizada pois, na antiguidade era utilizado o próprio grão do trigo e muito depois, talvez séculos depois é que o ser humano conseguiu desenvolver um equipamento mais aprimorado com o qual chegou a produzir a farinha do trigo que é o moinho de trigo.

Na origem, o ser humano cozinhava o trigo integral em água e o ingeria na forma de sopa e papa (se cozinhasse um pouco mais que a sopa). Quando conseguiu produzir a farinha do trigo, deu início a uma quantidade diversificada de alimentos, desde o pão ázimo (sem fermento, cuja massa não cresce) até o pão com fermento e a “esfirra”.

Especial interesse teve no Ocidente a “esfirra”. Há relatos de que marinheiros fenícios levaram em seus navios “esfirra” e aportaram na Grécia, isso por volta de 1.000 anos antes de Cristo, ou seja, há mais de 3.000 anos. Como era a “esfirra” daquela época? Diferentemente da “esfirra” de hoje, ela era uma massa fermentada que continha sal, depois essa massa era “espichada” para todos os lados com o auxílio de um rolo (em geral eram pedaços de troncos de árvores pouco espessas que eram cortados em pedaços menores, torneados manualmente com

o auxílio de faca para que ficassem com a superfície externa bem lisa, em seguida eram lavados e deixados para secar ao sol). Depois que a massa era suficientemente “achatada” com o rolo, era então cortada em discos circulares. Sobre uma das superfícies desse disco era colocado um recheio feito com pedaços pequenos de carne com cebola picada e ervas, em geral mangericão e sal-sinha e então esses discos eram levados ao forno de lenha para assar. Naquela época, os fenícios e outros povos da África, Ásia e Europa ainda não conheciam o tomate e por isso não existia palavra para esse fruto; afinal, o tomate foi levado da América para Espanha e Portugal, pela primeira vez, na segunda metade do século XVI (por volta de 1.570) e de lá chegou ao Império Otomano (turco) onde estavam a Mesopotâmia, a Síria, o Líbano e todos os países do Oriente Médio (os otomanos dominaram a região até o final da primeira Guerra Mundial em 1918).

Para ampliar um pouco mais o estudo da “esfirra”, com o intuito de descobrir sua origem e o que dela foi gerado, os estudiosos pesquisaram a origem da palavra “esfirra”. No Oriente, essa palavra é escrita com as consoantes **šfyḥ** (a pronúncia aproximada é: *dsefí-rra* – observando que o conjunto “ds” é um som em que se preparam os dentes, a língua e a boca para pronunciar “d” mas pronuncia-se “ss” e o conjunto “rr” é o som emitido quando se força o ar a passar pela garganta e sai pela boca aberta - portanto, diferente da pronúncia habitual de “rr”). Essa palavra por sua vez é derivada do verbo **šḥ** (a vogal “a” foi colocada em formato sobrescrito somente para indicar que ela existe e deve ser pronunciada). Em aramaico, tal como em assírio antigo, o verbo **šḥ** significa “atacar, invadir, avançar sobre uma terra” mas

também significa “aplanar, espichar, distender, achatar”. Essa é uma observação importante para sabermos a origem desse alimento pois antes que tudo, trata-se de massa de farinha de trigo “aplanada e distendida” em forma de disco. Outra variante é o substantivo derivado desse radical, o substantivo **şfyho** que significa “prato” (de comer).

Uma segunda observação é que no Líbano tal como nas planícies da Mesopotâmia, onde hoje é o Iraque e também nas planícies da Síria (como em Homs) o disco da **şfyh^{ah}** tem um diâmetro aproximado de 10 a 15 centímetros, tal como se faz hoje aqui no Brasil, contudo nas montanhas da Mesopotâmia, a noroeste de Nínive, a antiga capital do Império Assírio, na região conhecida atualmente como Tur Abdin, até hoje, os habitantes de lá, os descendentes dos antigos assírios, fazem esse disco com um diâmetro aproximado de 25 a 30 centímetros, ocupando cada **şfyh^{ah}** um prato raso inteiro.

Segundo os historiadores, essa **şfyh^{ah}** de Tur Abdin deu origem à famosa “pizza”, prato típico dos italianos. É provável que os fenícios houvessem aprendido a fazer **şfyh^{ah}** com os assírios que haviam lutado contra os povos hititas e os expulsaram do Oriente, inclusive das praias e montanhas do atual Líbano, da Capadócia, de todo o centroeste e sudoeste da Turquia até o sudeste da atual Turquia até a divisa da Turquia

com a Grécia, isso por volta de 1.300 a.C.

Como esses assírios eram nativos do noroeste da Mesopotâmia onde se incluía Tur Abdin, era comum a eles a **şfyh^{ah}**. Nessa época, a maioria dos povos do oriente e da África (tal como os egípcios, os etíopes, os núbios e outros) comiam a massa de trigo fermentada como pão no qual enrolavam carne fatiada ou comiam o trigo em grão, cozido e não em disco, tal como é a **şfyh^{ah}**. De lá os fenícios levaram a **şfyh^{ah}** para a outra margem do mar Mediterrâneo, quando saiam em navegação para comercializar as mercadorias com os habitantes da Europa e assim chegando à Grécia, Espanha, Portugal e Itália.

Mais de 240 anos após os romanos invadirem e dominarem o Oriente, ou seja, por volta do ano 180, esse alimento foi abolido das casas dos romanos, na tentativa de se afastarem das tradições orientais que cada vez mais influenciavam a cultura romana, isso por causa dos cristãos que avançavam com sua catequese pelo lado oriental do império romano. Essa situação perdurou até as invasões mouriscas na península ibérica por volta de 750 d.C. que re-introduziram esse prato lá. Por volta de 900 d.C. já se tornara comum encontrar a “esfirra” (**şfyh^{ah}**) nas casas dos moçárabes em Portugal e Espanha, pois com a tomada de Damasco, Laodicéia (Lataquia), Alepo e outras cidades na Síria, pelos árabes muçulmanos (séculos VII e VIII), a “esfirra” se popularizara nos palácios dos califas e entre os soldados deles.

Jejum de Natal

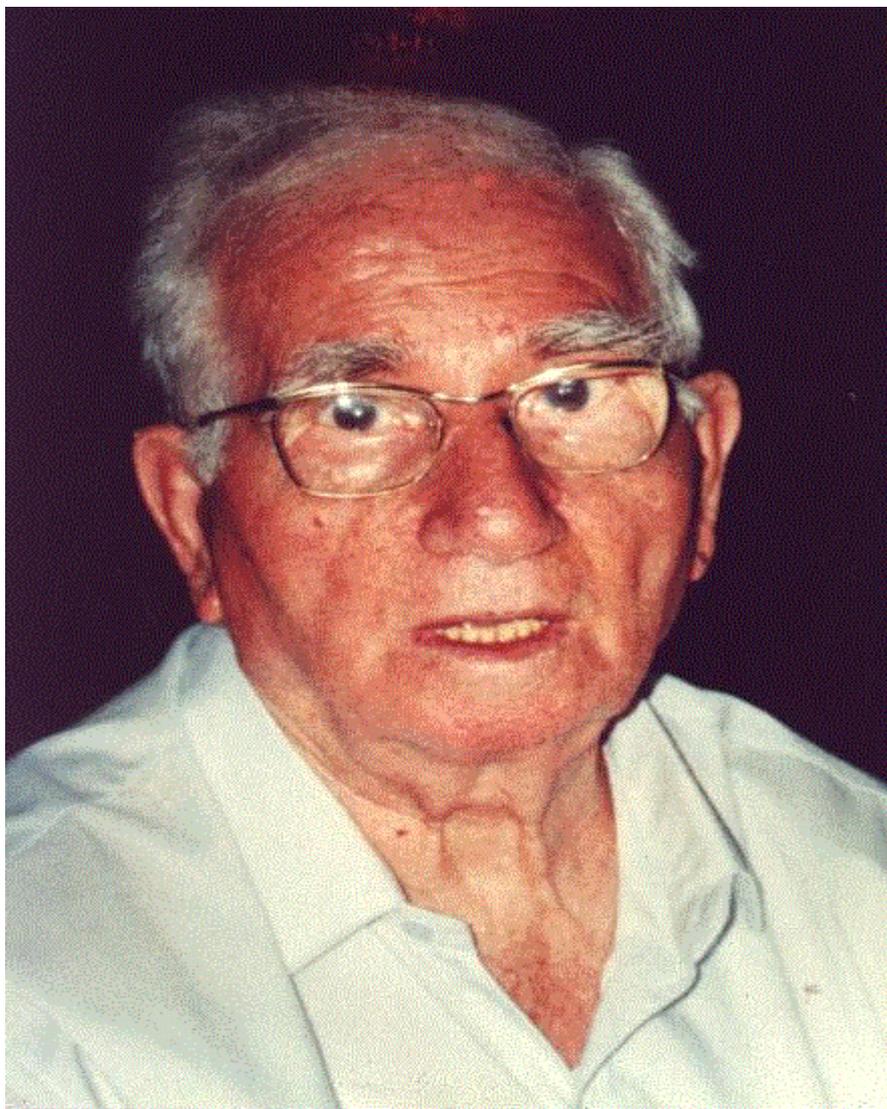
Neste ano, o Jejum de Natal inicia em 16 de dezembro, segunda-feira e termina no dia 25 de dezembro, dia em que comemoramos o nascimento de N.S. Jesus Cristo. Todos os que puderem devem seguir esse ritual pois, além de servir como purificação do corpo (não se deve ingerir alimentos provenientes de animais, exceto peixes) também serve como preparo para purificação espiritual. Nesse tempo do jejum de Natal devemos pensar em ajudar as viúvas, os órfãos e os desvalidos. Precisamos pensar que temos um dever para com o resto da humanidade que está sofrendo por causa de guerras prolongadas e perseguições religiosas. Devemos pedir a Deus que olhe por todos e também precisamos fazer a nossa parte, auxiliando-os através dos donativos da Igreja.

Finalmente, precisamos trabalhar para divulgarmos a palavra de Deus que a passou à humanidade através dos ensinamentos morais e religiosos após Seu nascimento na Terra. Isso só será possível se cada um de nós ler os Santos Evangelhos e as Cartas dos Discípulos e Apóstolos de Jesus Cristo e entendê-los como os entendiam nossos antepassados, fundadores da Igreja Siríaca de Antioquia.

Quem precisar de orientação para seguir o ritual do jejum de Natal poderá pedir esclarecimentos a Padre Gabriel.

COMEMORAÇÃO ESPECIAL

Nesse mês de outubro, na Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria, foi comemorado o centenário de nascimento do Professor Abrohom Gabriel Sowmy (também conhecido como Ibrahim Sowmy). Durante a cerimônia de comemoração na Igreja, tanto o padre Gabrel como o diácono Aniss Sowmy, filho do professor Abrohom, fizeram breve discurso no qual evidenciaram os trabalhos de natureza social e cultural do emérito professor. Vale lembrar que em aramaico ele era conhecido como “*malfono abrohom*”, título que se dava desde a antiguidade somente a pessoas que tinham seguidores ou seja, faziam escola entre o povo pois tinham grande influência cultural. Também vale destacar que, aqui no Brasil, tivemos a honra e o privilégio de termos dois dos maiores professores de nossa cultura do século XX, foram eles: “*malfono Abrohom*” e “*malfono Denho*” (também conhecido como Ghatass M. Elias). Ambos foram estudantes do Orfana -



to de Adana (1923) e alunos de grandes mestres também.

Suryoye publicou no nr. 16 (maio, junho, julho de 1998 -

(<http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/jornalsuryoye/suryoye16.pdf>) uma biografia de “*malfono Denho*”. Em breve, colocaremos no “site” da Igreja um estudo dos trabalhos de “*malfono Denho*” e a biografia de “*malfono Abrohom*”.

ORAÇÃO INICIAL EM ARAMAICO

ܣܘܪܝܘܝܗ ܒܟܝܣܐ ܗܘܐ ܕܠܝܢ ܕܝܗܘܐ ܕܝܗܘܐ

Ho devihú ál madevho

ܗܘܐ ܕܝܗܘܐ ܕܝܗܘܐ ܕܝܗܘܐ

Emre dalohutho meTulothan

ܐܡܪܝܗ ܕܠܗܘܬܗ ܡܝܬܘܠܘܬܗ.

Deme zakoio uam hassiono

ܕܡܝܗ ܙܝܚܝܘܐ ܘܐܡ ܗܝܣܝܘܢܝܘܐ

Áxidu

ܐܝܚܝܕܝܘܐ.

Uiohev haie lenossúbau.

ܘܝܘܗܘܒ ܗܝܐ ܠܢܘܣܘܒܘܐ.

Ho lahmo xemaiono

ܗܘܐ ܠܗܡܘ ܚܝܡܝܘܢܝܘܐ

Sim ál fotur haie

ܣܝܡ ܐܠ ܦܘܬܘܪ ܗܝܐ

Man dokhel mene neqne

ܡܢ ܕܘܟܗܠ ܡܢܝܢܝܘܐ ܢܝܩܢܝܘܐ

Haie ruhone

ܗܝܐ ܪܘܗܘܢܝܘܐ

Ulo kofen ádamo le oulam.

ܘܠܐ ܕܦܝܢ ܐܕܡܘܐ ܠܝܘܠܡ.

Kafne tau akhul uTám

ܕܦܢܝܢܝܘܐ ܬܘܐ ܐܚܠܝܘܐ ܘܬܐܡܝܢܝܘܐ.

Uahezáu edTovu morio

ܘܐܗܝܙܘܐ ܝܕ ܬܘܒܘܐ ܡܘܪܝܘܐ

tSehaio qerub elkhun uarúau

ܬܣܗܝܘܐ ܩܪܘܒ ܐܠܚܝܘܢ ܘܐܪܘܐܘܐ

bekhos furqono mehasiono

ܒܝܚܘܝܘܐ ܦܘܪܩܘܢܝܘܐ ܡܝܗܝܣܝܘܢܝܘܐ

u xabáh le elrohem noxo.

ܘܚܒܝܘܐ ܕܝܠ ܐܠܪܘܗܝܘܢ ܢܘܚܝܘܐ.

Ethdákau uamruq elkhun

ܐܬܕܐܕܝܘܐ ܘܐܡܪܘܩ ܐܠܚܝܘܢ

Nah te dezadiqütho elvâx,

ܢܗܝܬܝܘܐ ܕܝܕܝܩܘܬܗ ܐܠܘܘܝܝܘܐ

Delo xouen le

ܕܠܐ ܚܘܝܢ ܠܝܘܠܡ

Lehon futuro qádixo

ܠܝܘܠܡ ܕܝܠܘܩܝܢܝܘܐ

Elo dekhaio uqadixe.

ܐܠܐ ܕܝܠܘܩܝܢܝܘܐ ܕܝܠܘܩܝܢܝܘܐ.